

**GLOBAL FEMINISMS  
COMPARATIVE CASE STUDIES OF  
WOMEN'S ACTIVISM AND SCHOLARSHIP**

**SITE: BRAZIL**

**Transcript of Diane Lima  
Interviewer: Marisol Fila**

**Location: São Paulo, Brazil**

**Date: July 28, 2018**

**University of Michigan  
Institute for Research on Women and Gender  
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290  
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: [um.gfp@umich.edu](mailto:um.gfp@umich.edu)**

**Website:**

**<http://www.umich.edu/~glbfem>**

**© Regents of the University of Michigan, 2017**

**Diane Lima** nasceu em 1986 no Mundo Novo, Bahia, Brasil e é curadora independente e diretora criativa. Mestre em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, seu trabalho concentra-se em experimentar práticas artísticas e curatoriais multidisciplinares, desenvolvendo dispositivos de aprendizado coletivo com foco em processos de criação e produção de conhecimento. Em 2014 fundou a plataforma *NoBrasil* criando o projeto *AfroTranscendence* (Red Bull Station/ Galpão VideoBrasil), programa de imersão em processos criativos para promover a cultura afro-brasileira contemporânea e que resultou no filme *Tempo de Cura*, selecionado em diversas mostras de cinema do Brasil. Entre os anos de 2016 e 2017 assinou a curadoria do Festival de Cinema Africano do Vale do Silício, a criação do *A.Gentes* – Programa de Imersão em Questões Raciais voltado para os funcionários do Itaú Cultural, além de ter sido curadora na mesma instituição, do *Diálogos Ausentes*, programa que durante um ano e meio, discutiu a presença dxs negrxs nas mais diferentes áreas de expressão culminando com a exposição homônima nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2018, é a curadora do *Valongo Festival Internacional da Imagem*, integrante do *Grupo de Críticos de Arte do CCSP-Centro Cultural São Paulo*, além de ser jurada de diversas comissões de seleção e premiação como *Prêmio Bravo!* de Cultura, *Prêmio EDP nas Artes* do Instituto Tomie Ohtake e *Artsonica* do Oi Futuro. Colaborou para a Revista *Bravo!* e recentemente teve texto publicado na antologia *Histórias Afro-Atlânticas* do MASP.

**Marisol Fila** é uma doutoranda em Espanhol e Português em Línguas e Literaturas Românticas pela Universidade de Michigan (EUA). Sua pesquisa explora as articulações entre identidades negras/diaspóricas e nacionais na imprensa digital e impressa do século XXI no São Paulo, Buenos Aires e Lisboa. Marisol também está interessada na Pedagogia Crítica e as Humanidades Digitais e nas maneiras pelas quais a tecnologia e a mídia digital podem servir como uma ferramenta para compartilhar a sua pesquisa com um público mais amplo, mas também para desenvolver projetos digitais em parceria com organizações afro-descendentes de países de língua portuguesa e espanhola.

Marisol Fila (MF): Boa tarde, estamos aqui com a Diane Lima. A Diane Lima é nascida no Mundo Novo, na Bahia, é uma diretora criativa e curadora. Ela é a criadora do portal *No Brasil*, do projeto *AfroTrascendence* e da campanha *Deixa o Cabelo da Menina No Mundo*, e é a atual curadora do próximo Festival Internacional da Imagem, *Valongo*. Muito prazer, obrigada.

Diane Lima (DL): Obrigada eu também.

MF: Então, a entrevista principalmente vai discutir algumas questões relacionadas ao seu trabalho, a sua própria experiência pessoal. Então, eu queria começar falando um pouco da sua própria experiência, experiência pessoal, a sua própria história e como você acha que foi se involucrando, foi se mexendo com seu trabalho.

DL: Eu venho de essa cidade chamada Mundo Novo, que está no meio da Bahia e venho de uma geração de cinco mulheres negras. Eu sou a sexta dessas mulheres, nascidas e criadas nessa cidade, uma cidade que fica a 300 quilômetros do Salvador. Então, ter o acesso as informações que essas mulheres me passaram até agora, que vem sendo passadas até agora, foram fundamentais para que eu entendesse como é que determinados conhecimentos poderiam ser definidores para a constituição da minha identidade. Há dois anos atrás a minha bisavó faleceu com 103 anos de idade. Então eu tive acesso a muitas informações, eu tive acesso a um modo de vida, e uma perspectiva que trazia muitos pontos de vista sobre ser mulher, ser mulher negra, ser mulher negra nordestina, ser mulher negra baiana, ser mulher negra brasileira. Então primeiro que tudo eu acho que ter vivido nessa casa, que é uma casa, em sua maior parte que foi provida por mulheres, isto fez que eu tivesse acesso a um tipo de estrutura que me possibilitou fazer as coisas que eu faço hoje. Somado a isso, esse caminho de contato direto por exemplo com a minha bisavó, com a minha mãe, com a minha avó, me trouxe também um entendimento sobre uma prática artística ou sobre uma prática de resistência que pudesse ser atravessada por uma prática de luta, né? Então, penso muito que a possibilidade de existir, ela vinha amalgamada de uma maneira, com essa possibilidade de criação. Então desde então eu vou traçando esse caminho, olhando sobre tudo para a minha ancestralidade que é o ponto central para mim.

Todo o meu trabalho, ele é atravessado, a ética do meu trabalho ela é atravessada por uma perspectiva ancestral, uma perspectiva feminista porque sempre formou parte de mulheres, sempre é pautado por mulheres, sempre é criado por mulheres. Então, ¿que é que é esse viver uma realidade onde não se falava sobre feminismo mas vivíamos a partir desse olhar? Então isso para mim hoje é central no meu trabalho. Diane, ¿você fala sobre o feminismo? Eu não sou uma estudiosa do feminismo, eu venero algumas mulheres, eu estudo o feminismo, por uma questão de discurso e de prática do mundo mas o meu trabalho é definido por esse chão feminista, né? Por um olhar feminista. Então quando a gente, por exemplo esse ano no *Valongo* esta pensando uma prática curatorial em perspectiva, essa perspectiva da a mulher é pautada, por eu saber que esse é o meu lugar de fala, por eu ter vivido algumas experiências que me possibilitam construir determinados saberes, e conhecimentos, a partir da arte. Então acho que é um pouco isso.

MF: E então, ¿você se definiria como uma feminista?

DL: Com certeza. Sou uma mulher feminista. Sou uma mulher feminista. E penso que nosso grande desafio enquanto mulheres feministas é entender como a gente consegue sair do lugar de discurso para a prática. Por exemplo é o que eu vejo como o nosso futuro, que é para onde caminhamos, vejo pela tentativa cada vez mais de fazer com que isso se tornem ações, gestos, políticas, né? Políticas públicas, mudanças estruturais. Então, acredito muito no lugar da representação do discurso, da visibilidade do discurso mas também acredito nessa prática, nesse gesto, nessa ação. Eu acho que quanto mais tivermos mulheres fazendo, realizando, agindo, produzindo conhecimento a partir desses lugares de fala e dessas experiências, a gente vai conseguir ter um lugar de ação que seja mais feminino, que seja mais e por isso também que seja mais coletivo, que seja mais diversificado nesse sentido.

MF: Com certeza. Então você diria que, como talvez falava antes na conversa que estávamos, que definiria o feminismo não como um tema em si, não como um objeto, mas como uma prática, como uma experiência?

DL: Sim, sim exatamente. Porque eu acho que ... seria muito fácil se a gente tendo em vista um momento onde se fala muito sobre isso, e aí sobre tudo penso nas questões midiáticas em torno ao feminismo no Brasil, eu acho que é muito fácil a gente se apropriar de determinadas coisas, quaisquer que sejam, transformar num discurso, transformar isso num valor agregado de mercado e a gente não tomar isso como uma prática. Então estou mais interessada em entender como é que esses estudos, essas experiências, como essa visibilidade do feminismo pode me ajudar no meu agir diário, no meu cotidiano. E, eu acho que no fim estamos todas aprendendo. É nesse processo que eu me interessar, e me interessa esse processo dentro da minha relação de autoconhecimento mas também dentro de um processo de criação. Como é que esse conhecimento ele pode permear, ele pode imantar esse processo de criação, do modo que a gente venha para o mundo não seja um assunto, mas ele seja carregado de um ponto de vista que respeite o lugar de fala do outro, né? Que traga algumas questões éticas que eu acho que para mim são fundamentais. E que, certamente o discurso do feminismo, a prática feminista, os estudos sobre o feminismo são basilares para que essas ações aconteçam.

MF: E você acha nesse sentido que essa concepção também pode ajudar numa mobilização maior, ou seja, atingir a um público maior através dessa concepção e não talvez colocar como um assunto, como uma questão mais fixa.

DL: Eu não sei se vai conseguir chegar mais longe mas acho que vai chegar mais profundo...

MF: Com certeza.

DL: Eu acho que o discurso, ele consegue entrar em muitos lugares, né? A partir da televisão, de todos esses aparatos midiáticos, mas, o que é que adianta se a gente continua falando sobre uma coisa e transforma essa coisa em algo distante? Em algo que nos não nos atravessa, né? A gente fala sobre uma coisa, cria um hashtag, mas a gente não age de acordo. Eu acho que esse é o grande problema hoje que a gente enfrenta na política nacional. E para mim esse é o sintoma da falência da política. Da política como esse gesto de

fazer alguma coisa, de transformar as coisas em prática, então acho isso, que estou interessada na profundidade.

MF: Concordo, como uma articulação entre o discurso e a prática....

DL: Articulação entre o discurso e a prática, sim, sim...

MF: Absolutamente. Especialmente eu acho que porque eu fico...no meu trabalho de pesquisa, estou muito interessada na media digital e a possibilidade que diferentes plataformas digitais oferecem para uma maior visibilidade, uma discussão, assim mais estendida. Mas, ao mesmo tempo encontro que talvez essa possibilidade de se exprimir depois não é traduzida numa questão prática. Uma articulação que tenha um desenvolvimento ao longo do tempo.

DL: Sim, sim. É interessante isso porque vejo que essa explosão do feminismo, o movimento feminista no Brasil ele se alarga cada dia mais e fico curiosa de saber quais são os impactos, os efeitos disso de aqui a pouco. De aqui a cinco anos, quais foram as mudanças que aconteceram, como é que esses discursos eles de fato trouxeram emancipação, trouxeram liberdade, né? Trouxeram transformações estruturais para mulheres que vem sendo violentadas, para crianças que vem sendo o tempo inteiro tiradas da sua possibilidade de crescimento, de saúde, né? O que é que esses discursos mudaram nas problemáticas ligadas a saúde mental. Então, como é que isso influencia no trabalho, nas práticas de trabalho, no sistema de trabalho, nas estruturas empresariais, então, é nisso que eu, nessa fase que eu estou sempre em busca de entender, de me envolver, e de contribuir também.

MF: Com certeza. E falando do seu trabalho, ¿como é que você começou, diferentes projetos, como se desenvolveu?

DL: Sim. Eu acho que, eu sempre falo disso. A campanha *Deixa o Cabelo da Menina no Mundo* é um dos primeiros movimentos que eu faço quando chego em São Paulo quatro anos atrás. E essa campanha ela é uma atualização de uma infância que eu tive, e do

privilegio que eu tive de ter tido em casa uma mulher que sempre disse, que na sua perspectiva de emancipação, na sua busca por uma condição crítica e política, ainda que numa cidade do interior sempre esta impautando a possibilidade de um ato de empoderamento em casa. Então, quando eu era pequena, quando era pequena a minha mãe dizia, todo o mundo queria prender o meu cabelo, e a minha mãe dizia, essa menina que deixa o cabelo solto, deixa o cabelo da menina no mundo. Então é de aí que surgiu isso, e todas as minhas experiências de trabalho elas são ligadas a essa ancestralidade, são ligadas a essas mulheres, é de volta a essas mulheres, eu não estou fazendo nada sozinha. Eu tenho cinco mulheres que estão ao redor, que estão sempre de uma maneira sendo referencia e inspiração para o que eu faço e isso num primer momento foi definidor assim para mim, com essa campanha. Depois eu crio *No Brasil*, que foi uma plataforma, *No Brasil* existe ainda mas ele não esta mais ativo, como plataforma. Mas foi uma plataforma que objetivava reunir e abrir diálogo com pessoas que estavam pensando a diversidade brasileira através da criatividade. Então uma plataforma que durou durante três anos, a gente produzia conteúdo na internet. Então, *No Brasil* surge num momento que a internet estava começando a se despontar, quando as redes sociais não eram as redes sociais de hoje em dia, e foi muito bom poder me conectar com essas pessoas à nível internacional porque esse era o meu desejo. Quando eu morava no Salvador a única coisa que eu pensava era, eu preciso encontrar as pessoas que estão pensando como eu. Eu preciso estar em diálogo com essas pessoas, eu preciso encontra-las, eu preciso ter certeza que não estou ficando louca sozinha. E então, eu tinha essa, essa busca e tinha algo que falava, que falava comigo que esse lugar era possível, que ele existia e que era possível encontrar essas pessoas. E então... também dedico essa força, essa intuição a essas mulheres da minha casa. Sobre tudo, a possibilidade estrutural de ter vindo para São Paulo, de ter conseguido a partir de aqui as relações, e então quando a internet começa a despontar e alguns efeitos sobre tudo ligados ao mercado, as questões de captura, né?, próprias do neoliberalismo em relação aos conteúdos, eu começo a ter um pouco de receio sobre que significaria, a partir desse lugar que eu estava construindo esse pensamento coletivo, colocar isso a disposição de determinadas estruturas que eu não acreditava, então é quando a plataforma acaba. Porque eu entendo que eu preciso passar a encontrar essas pessoas ao vivo. E não mais mediada por uma outra coisa que não fosse um encontro. A pesquisa que *No Brasil* também me

trouxe, a pesquisa que *No Brasil* trouxe ao longo desse tempo também me permitiu detectar algumas coisas. Passei a entender alguns efeitos, alguns impactos, ¿por que é que alguns corpos eram presentes e alguns corpos eram ausentes? . Quando a gente tinha algumas relações de trabalho, ¿por que aqui o mercado sempre rejeitava determinados corpos? ?Qual eram as desculpas em relação a estética, né? O que era bom de o que não era bom, o que era belo do que não era belo, o que era válido do que não era válido. *No Brasil* foi esse chão. Que possibilitou ver algumas coisas e a partir desses diagnósticos digamos assim, eu tive a ideia de fazer *Afrotrascendencia. Afrotrascendence, AfroT*.

E como esse programa deu uma ação a um processo criativo com foco na cultura Afro-Brasileira, então é um momento que eu também vou entender que atrás do discurso da diversidade existia uma coisa que no Brasil a gente escuta muito que é o mito da democracia racial. E isso é muito nocivo quando a gente cai no romantismo em relação a diversidade, porque sim, a pauta sobre a diversidade ela é muito importante, mas no Brasil em específico a diversidade ela sempre foi posta como uma maneira de embranquecer os corpos negros. Então se há 50 anos uma tentativa de embranquecimento a partir de uma mistura de raças, logo é difícil pensar na diversidade como um discurso primeiro. Então nesse momento eu falo, eu preciso entender que meu lugar como mulher negra, ele é hoje mais urgente, ele precisa falar e vir primeiro, do que tudo que está por baixo.

Então, o *AfroT* vem desse lugar, dessa possibilidade de fazer uma política, a partir de um gesto de criação, de pensar as práticas artísticas através das práticas de resistência, de como este mundo pode se conectar e mais do que tudo, de pensar como que a ancestralidade dá conversa com a contemporaneidade. Como esses tempos estão emparelhados, como o passado, presente e futuro fazem parte de um mesmo momento. Então o *AfroT* a tentativa era essa, de pensar o que teria acontecido se os conhecimentos da minha casa, tivesse na escola, o que teria acontecido se esses conhecimento estivessem nos livros, e o como que, o qual seria o impacto disso no coletivo, não só na minha vida, mas no coletivo.

Então, são dessas duas perguntas o que o *AfroT* surge, e se transforma nesse grande espaço e nesse tempo, né? Que é uma coisa que eu sempre digo. Para nós é preciso criar um espaço no tempo. Um espaço onde a gente consiga falar sobre determinadas coisas, onde a gente consiga criar dispositivos, estruturas para abrir diálogo com esses corpos considerados ancestrais, com as seus traumas, suas vivências, suas experiências, suas especificidades. Os atos de violação, tudo isso tem um peso, tudo isso tem um efeito sobre esses corpos no presente. Então a disposição sobre o espaço esta muito ligada a isso, e o tempo. ¿Como voltamos o tempo? ¿Que é que é o arquivo? ¿Qual é que é o repertório do nosso corpo? ¿Que é que é essa memória? ¿Como a gente pode ser atravessado por essas memórias, como a gente pode olhar para o mundo com um olhar crítico e pensando essas contranarrativas, né? A partir desse lugar. De uma atenção a esses, a esse corpo memória, a esse corpo tempo, né? A esse corpo tempo.

Então a ideia do *AfroT* era colocar algumas pessoas reunidas, então mestras e mestres, líderes, pessoas mais velhas, pessoas que portam saberes, junto com as pessoas que estão hoje no Brasil olhando para o nosso entorno e abrir esse diálogo. A gente seleciona 20 pessoas do Brasil inteiro e elas ficam juntas durante quatro dias trocando conhecimento, dividindo conhecimento e criando alguma coisa ao final que é parte desse processo. Então é um projeto que tem me levado a muitos lugares, que tem me feito conhecer muitas pessoas, eu acho que foi uma das melhores experiências que eu já tive, do ponto de vista de compressão de mi mesma, mas também compreensão de onde eu estou, do que eu faço, e a gente esta aí, tentando fazer com que ele exista, e que ele também transforme outros lugares, porque eu acho que ele é um grande caldeirão que pode estar vivendo em outros lugares a medida que as pessoas passam por ele, levam aquilo para outro lugar, transformam aquilo para as suas ruas, as suas comunidades, as suas casas. E pensando sempre que a nossa casa é o maior produtor de pensamento. Então ele é, as nossas casas são os epicentros de um processo de criação. A gente precisa voltar para casa, né? As nossas histórias não estão nos livros, não estão nas bibliotecas, estão nas nossas casas. Então, são as nossas mães, são as nossos avós, são os nossos tios, são os nossos filhos e filhas. Então, como é que essa relação oral, essa relação circular, ela é capaz, ela vem sido

capaz de resistir ao longo do tempo, e também de produzir um conhecimento sobre nós, a partir de nós.

MF: ¿E como é possível para você através dessa nova produção de conhecimento de gerar um novo arquivo, um contra arquivo, ou assim, como essa contra memória, né?

DL: Sim. Eu acho que é um desafio porque ao final de contas estamos falando de inscrição histórica, então, criar procedimentos para se inscrever historicamente já é um ato de poder, já é uma forma de estrutura de poder, né? Quem pode se escrever, quem pode legitimar, quais são os lugares de legitimação dessa produção de conhecimento. Então eu acho que é um desafio que o projeto se coloca ao longo prazo. Eu penso muito sim que estamos faltos de educação, muito tempo eu tive um receio muito grande de usar essa palavra, porque eu não tinha a possibilidade de ser educadora de ninguém, eu me colocava, eu preferia me colocar no meu lugar que é o meu lugar, que é um lugar de passagem, que é o lugar de ser um dispositivo, ser um caminho do aprendizado coletivo onde eu também estou aprendendo. Então, hoje com um pouco mais de distancia, entendo o projeto, um projeto de educação, um projeto que requiere uma estrutura e eu vislumbro isso nos próximos anos, né? O meu grande desejo é criar uma escola. Eu queria muito poder fundamentar isso num projeto com a escola que vem sendo amadurecido mas eu também preciso estar munida de muitas ferramentas, de muitas experiências para que isso aconteça, então...

MF: E você acha que a divulgação dos produtos finais, de cada um dos *AfroT* pode operar nessa construção de um novo arquivo? Porque assim é também como eu cheguei, né? Ao *AfroT* e as diferentes produções...através de ter o acesso na internet, de ver os vídeos...

DL: Sim...pensando muito nisso a gente no primeiro ano cria uma web-série -- estou falando do 2015 -- que é um ano onde a produção de vídeo na internet a partir de uma visão de pessoas negras ou sobre pessoas negras era limitadíssima. Então você não encontrava entrevistas com alta qualidade, você não entregava entrevistas com profundidade, por uma questão de acesso. Então no 2015 a gente lançou esa web-série. Está disponível no site do

*AfroT*. Em 2016 faz o filme, que é o *Tempo de Cura*. Então a gente sempre teve essa preocupação de documentar e registrar e fazer com que isso chegasse mais longe. Eu acho que isso é central para a gente. O acesso, a visibilidade.

MF: E poderia dizer algo mais sobre o título do...

DL: O *Tempo de Cura*.

MF: Isso...

DL: Na verdade o título, *O Tempo de Cura* ele nasce muito da experiência que a gente viveu em conjunto. Depois dos quatro dias, os depoimentos das 20 pessoas que participaram era que tinham passado por um processo de cura, que se aproximavam a esse processo de cura, e o Achille Mbembe tem uma frase que eu gosto muito que é, onde ele diz que, há nas praticas de resignificação, a possibilidade de uma pratica de cura. Você retira, fratura, rompe estereótipos, né? Resinifica imagens, palavras, conceitos, então, nesse ato do...entre o significado e o significante, nessa mudança, há uma pratica de cura. E eu acho que tecnicamente é isso o que o *AfroT* faz. A gente trabalha não no lugar da destruição mas no lugar da criação. Então se a gente tivesse a possibilidade de ser algo além da raça, o que seríamos? A gente nunca vai poder deixar de olhar para as cicatrizes que, o processo de racialização desses corpos trouxeram como efeito. Mas ¿o que eu sou para além da raça? É a pergunta que me faço. Então é compreensível que haja aí, como também vem sendo para mim, um processo de libertação, um processo de transformação, e por isso de cura. Você conseguir, ao menos conseguir enxergar as feridas. Ao menos você conseguir enxergar que elas estão presentes aqui nos nossos corpos, e que esse corpo carrega a memória, e que esse corpo esta ao longo do tempo resistindo e perdendo de alguma maneira por isso a sua espontaneidade. Então a gente esta em busca das espontaneidades, a gente esta em busca do que esta além da liberdade. Então... *O Tempo de Cura* vem de aí. E o tempo em específico é algo que eu venho me debruçando, também no meu projeto de pesquisa na universidade. Eu venho do programa de comunicação semiótica, e na minha pesquisa eu vou encontrar uma relação entre o tempo, a temporalidade que é algo que algo que eu já venho

trabalhando em relação ao passado, presente e futuro e o tempo desde uma perspectiva semiótica, ou seja uma perspectiva do corpo. O sujeito semiótico, então como é que, por que é que o tempo é importante, nesse processo de produção de sentido e significação. O tempo é uma categoria da estesia. A estesia, a produção da arte, quando a gente fala que aquela arte me atravessou, que aquele filme me atravessou, que aquela música me arrebatou, a gente está falando de um procedimento, a gente está falando de um dado que é essa capacidade de sentir. Esse sensível. A arte começa esse sensível. E esse sensível está ligado a estesia. Sobre a estesia em específico fala-se que quando a estesia acontece, abre-se um novo aqui e um novo agora. Então tem uma questão do tempo, do tempo que para, que me arremessa para o alto, que eu suspendo e que a partir daquilo resemantizo as coisas, resinifico as coisas. Então foi essa relação dos tempos que eu consegui fazer e que recebe o nome do tempo negro.

MF: Que interessante...você já leu a Michelle M. Wright? Ela é uma acadêmica nos Estados Unidos que ela tem um...ela tem dois livros, o último é *Physics of Blackness* e ela fala de uma fenomenologia da negritude.

DL: Olha, legal. Vou procurar.

MF: Sim, é muito interessante porque ela também fala desta questão do tempo. O tempo...tem um tempo cronológico mas tem um tempo do...

DL: Do indivíduo...

MF: Exatamente. Então que o indivíduo vai reagir de acordo também ao próprio espaço tempo onde se encontra.

DL: Sim...Incrível vou procurar.

MF: E voltando...não. Mais uma pergunta. Em relação agora ao festival da imagem, o *Valongo*?

DL: O festival está sendo um processo muito interessante sobre tudo porque que é um festival que o grande desafio, a grande pergunta que me colocou é ¿que é que muda quando uma mulher negra com todos esses lugares de fala pensa a curadoria de um festival? Quais são as perspectivas que abrem, quais são os regimes de visibilidade que atuam, quais são as práticas instauradas. Então eu acho que o que a gente vem discutindo com a equipe é que aí temos um festival que vai acontecer o 12, 13 e 14 de outubro de 2018 em Santos, São Paulo mas temos um processo que está em construção e que o festival ele já começou. Então o festival, ele já começou na medida que a gente está trocando esses conhecimentos, que a gente está se colocando em relação com o território, e então...enfim, a gente está entendendo que tem quatro pontos centrais que atravessam a curadoria deste ano. A primeira é em relação a esse território, então ¿que é que é esse território, que é um território carregado de histórias, carregado de camadas temporais fala sobre o presente? A gente fala de uma região histórica, o maior porto da América Latina. Já foi o maior centro de produção econômica em relação ao café. Que também por muito tempo foi a maior fonte econômica do país. Uma grande estrutura de poder construída nesse lugar. Isso está na estrutura, isso está nas paredes, isso está nas ruas, isso está no todo. Está nas favelas. Foi também lugar de rota, de importantes rotas de fuga no período abolicionista. Então a gente tem alguns quilombos ao redor. A constituição de alguns territórios, de alguns bairros a partir de uma reminiscência quilombola, então, é um lugar que tem muitas possibilidades de diálogo, se abre para muitas discussões do presente, então um ponto é o território e o outro ponto é discutir a própria imagem. O que é que pode uma imagem, para que serve uma imagem, quem pode ver e ser visto, como vivemos, a gente vem criando imagens sobre o outro, que violam, que são imagens ficcionais, que são imagens que criam estereótipos, então a gente está olhando muito para isso. Também pensando o que falam esses outros corpos, tendo em vista uma descentralização hegemônica de um poder, de um poder falar, de um poder dizer, de um poder ver, o que falam esses outros corpos, todos os outros corpos, que não é o corpo de uma supremacia branca, de uma hegemonia de poder. Então a gente está preocupada e interessada em ouvir e entender esses corpos. E por último pensar o *Valongo*, a imagem, a perspectiva, e a política. Uma política. A gente este ano no Brasil vive um ano de eleição, outubro o festival vai acontecer no meio dessa eleição. Então, ¿o

que pode o festival como plataforma na auto democrática? Que é a grande discussão hoje. Que todos os estados e estaduais brasileiras precisam estar interagidos, né? ¿O que pode o festival em relação a esses efeitos democráticos? ¿Pode um festival agir dentro de um campo micropolítico afetando a macropolítica? ¿Como podemos ser plataforma de discussão, de reflexão e de debate? Então a gente também está se preparando para esse momento entendendo que a gente tem as nossas...as nossas...a nossa possibilidade de alcance, a gente tem as nossas dificuldades, a gente tem as nossas fronteiras mas que se podemos fazer alguma coisa, o que podemos fazer. Então o festival ele vem para pensar um pouco sobre isso, a nível também internacional, relacionado com artistas, pensadores, e pessoas que estão interessadas em realmente pensar o que...qual é a sua função nesse tempo, né? A que viemos, onde estamos.

MF: Continuando com a questão política, mas voltando ao feminismo. ¿Como você vê a produção acadêmica feminista em relação aos movimentos sociais, ou ao ativismo?

DL: Eu acho que sobre tudo pensando os movimentos negros. Os movimentos negros ao longo dos anos, ao longo das décadas, o pensamento e a reflexão, as questões ligadas a crítica, a intelectualidade, elas sempre foram substrato, elas sempre foram plataforma para as ações artísticas, para as ações do movimento e vice-versa. E então eu acho que temos que estar em todos os lugares. Eu não acho que é sobre binarismo, sim ou não. Eu acho que a gente vive num modo fragmentário. O corpo negro é um corpo que carrega na sua essência a duplicidade. Essa dupla consciência que fala Du Bois, então. A Gayl Jones tem essa, uma escritora afro-americana, ela fala sobre isso, como a gente precisa inventar novas palavras, criar palavras de novas palavras. Então eu acho que você tem que estar em tudo, acho que precisa sempre estar se referenciando em diversos lugares de fala, a gente precisa estar ocupando diversos espaços e não é sobre um ou outro se é melhor. Mas é como a gente consegue, a partir do que a gente pode fazer, contribuir para o coletivo.

MF: Com certeza. Como a Grada Kilomba também ela fala de..

DL: Exatamente.

MF: De novas linguagens...

DL: Exato. Exatamente. A Grada fala muito sobre performar o conhecimento. Então, ¿é possível estar no campo da academia somente? ¿Como é que a gente consegue fazer essa tradução? Então me interessa muito essa possibilidade de performar esse conhecimento. De trazer isso para o sensível, e a arte é um veículo para isso.

MF: E no seu próprio trabalho você acha que pode tentar encontrar essa....

DL: Sim, sim.

MF: Relação. Teoria e prática.

DL: Teoria e prática. Exatamente. Acho que é o grande desafio, né? O nosso grande desafio.

MF: E em relação ao movimento feminista em geral no Brasil atual, como você vê...já conversamos um pouco disso e para mim também, quando eu cheguei aqui faz algumas semanas foi muito surpreendente a questão que tem uma visibilidade de mulheres negras ativistas feministas que é grande e não tinha visto nas minhas viagens anteriores. Então, ¿como você vê a situação atual?

DL: Eu acho que é uma grande vitória. Sobre tudo porque a gente tem uma produção de conhecimento que ela é, que ela vem a partir de uma experiência vivida, é uma grande, um grande ruptura, né? Você ter mulheres negras protagonistas, protagonistas e que estão podendo olhar para a sua individualidade, para a sua subjetividade, pautando essas questões não mais no lugar do objeto, mas no lugar do sujeito. Eu acho que essa é a grande contribuição do feminismo negro Brasil hoje nos da. A possibilidade de deixar de ser objeto para ser sujeito, sujeito da sua história, para escrever a sua história. Então a fundamental importância de Djamila Ribeiro como esse grande expoente hoje no Brasil mas também de outras mulheres que sempre foram feministas, né? Que sempre tiveram, que precisaram

por urgência, por demanda, e por condição trazerem a sua perspectiva em quanto mulheres, em tempos distintos, em tempos outros, e resistir as opressões de tais tempos. Então, me pergunto também muito que a produção de conhecimento ela se dá com esse processo de acesso ao espaço. A partir de ocupar um lugar que eu sei o que acontece nele, sei da experiência que há nele, portanto produzir conhecimento sobre aquele, a partir da experiência. Então para mim, sempre estarei preocupada em criar essas pontes, entre as mulheres do presente e as mulheres de outros tempos.

MF: ¿E como acha que vai talvez evoluir no futuro?

DL: ...

MF: O que acontece atualmente.

DL: Eu, eu acho que posso dizer pelo que eu desejo assim. Eu espero que a gente consiga cada vez dialogar mais, entre gerações, interseccionalmente, trazendo diferentes pautas, porque não é só de falar de um lugar só. Mas o meu desejo maior é de fato que a gente consiga transformar os discursos sobre o feminismo na prática. Na prática. Eu acho que se a gente consegue fazer isso teremos transformações cotidianas, teremos transformações coletivas e profundas para construir um grande mastro ao longo prazo. Eu acho que é isso o que eu vou tentar trabalhar para a minha filha, para a filha da minha filha e para as gerações que virão. Eu acho que talvez esse seja um jeito de pensar, um feminismo ao longo prazo, um feminismo do futuro.

MF: E no seu trabalho em particular, ¿você tem relação com outros grupos, ativistas, intelectuais, tanto aqui do Brasil como de outros países?

DL: As discussões em relação a internacionalização ou a diáspora global elas tem começado a se constituir. No próximo ano 2019 eu estou fazendo uma residência artística em Munique, que vai acontecer na Vila Valverde, que é uma residência artística da prefeitura de Munique. Então junto com Mario Lopes que é um curador que me convida para fazer o

*AfroTrascendencia* lá. Então a ideia é que a gente consiga reunir um grupo de artistas do Brasil que dialoguem com os outros pontos de vista, e com outras perspectivas afro-diaspóricas a partir da Alemanha. E isso também nos dá a possibilidade de dialogar com outros grupos, né? Com outras... trazem outras discussões, então hoje estou agora um pouco focada nisso, mas me interessa muito pela América Latina em geral, onde eu tenho o desejo de me aproximar, onde tenho o desejo de dialogar, de entender essa afro-perspectiva latina.

MF: Com certeza. É porque... eu sempre penso que não sei se é por questões de linguagem só, mas acontece que há uma separação entre...

DL: Separação, sim. Brasil e o resto da América Latina.

MF: E até entre uma América do Sul e o resto de Latino América, né?

DL: Com certeza.

MF: Que se vê como... eu sou da Argentina. Eu acho que os argentinos talvez não se identifiquem como um colombiano por exemplo, como um mexicano. São contextos bem regionais.

DL: Sim, sim. A gente tem uma história política de fragmentação, de separação, e de nos colocar sempre em relação sobre essa periferia e o centro. Ou é os Estados Unidos e a América do Norte ou é a Europa, que nos faz distante de toda a cultura que está ao nosso redor, né? Acho que essa é a grande questão do América do Sul, da América Latina. Esse afastamento criado estrategicamente por parte da política. Das macropolíticas, né?

MF: E por além do seu trabalho, você acha que o movimento feminista atual, o movimento negro feminista ou não, tem relação com outros movimentos ou organizações de outros países da América Latina ou dos Estados Unidos?

DL: Sim, eu acho que cada vez mais as mulheres que estão a frente desses movimentos estão na busca da abertura de diálogos globais. Até porque que eu acho que é nesse transito que a gente consegue também trocar conhecimento e se relacionar. Na Bahia por exemplo, há esse celebro de estudos sobre o feminismo, a gente tem por exemplo o instituto Odara. Que há algum tempo vem trabalhando em diferentes frentes sobre a condição da mulher negra. A universidade do UFBA também sendo esse grande celebro de produção intelectual, recebendo mulheres como por exemplo a Angela Davis por exemplo que recentemente esteve na UFBA que vem vindo algum tempo na Bahia. Então, eu acho que existe dentro do movimento feminista algo que, das mulheres negras, algo que para mim é central e que vem debatido muito devido as praticas artísticas de modo geral. Que é, ¿como é que uma união coletiva privada, sobre tudo, é capaz de produzir estratégias de resistência que ao excesso de visibilidade muitas vezes não consegue? Então eu falo de uma prática de resistência que é secular. Que é quando por exemplo nas manifestações artísticas afro-brasileiras você encontra o duplo sentido, você encontra o dialogismo, você encontra figuras da linguagem, que vem servir como táticas de guerra. Ou seja, na capoeira brasileira eu finjo dançar ,mas estou na verdade fazendo a luta, né? E então, essa capacidade de se performar, de ser dois, essa capacidade de contradição, ela entra como estratégia que vai fazer com que corpos e vidas se mantenham vivas ao longo desse tempo, né? Então eu vejo muito que todas as vezes que eu converso com as mulheres mais velhas que vem se movimentando e que são mulheres feministas, eu aprendo um pouco mais sobre essas táticas. Me parece sempre que é, que há uma perspicácia e um olhar um pouco mais profundo sobre como essas práticas de resistência elas se podem constituir no presente. Então nesse sentido eu acho que no presente o movimento feminista muito tem muito contribuído.

MF: Uma última pergunta. Qual você acha que são os pontos de encontro e de desencontro entre o movimento feminista negro e o movimento feminista branco ou o movimento feminista mais tradicional?

DL: Sim. Eu acho que a gente tem uma questão de estruturas de poder mesmo, de disputas de poder. Durante muito tempo as mulheres negras eram subalternas das mulheres brancas. E toda pauta sobre mulher, todas as pautas sobre as mulheres, todas as

oportunidades que existiam baseadas sobre a mulher eram abocanhadas, eram lideradas por mulheres brancas. Eu acho que a ruptura que há é que no determinado momento as mulheres negras tomam seu lugar de fala, assumem essa liderança e eu acho que aí há esse choque, né? Até porque a gente não pode esquecer que a branquitude, seja através de homens ou de mulheres ela exerceu muito tempo o seu poder. E as mulheres brancas eram centrais nessas ações. Nas práticas coloniais, na criação de um lugar específico para o negro, nas questões em relação a objetificação, de transformar esse corpo num corpo de exploração, num corpo negro, um corpo-moeda. Então eu acho que a gente precisa caminhar num lugar onde todas essas ações precisam ser revisitadas e vistas. Eu acho que esse é o grande dissenso hoje. ¿Como é que a gente consegue gerenciar esses conflitos, né? E não mais ser esse artefato do homem branco, não mais ser o artefato de um patriarcado. A Grada Kilomba fala muito sobre isso, né?. Não ser mais o artefato do homem branco, esse é o nosso desejo. Então eu acho que essa é a grande questão.

MF: Quer adicionar alguma coisa....

DL: Não, eu acho que é isso.

MF: Muito obrigada!

DL: Obrigada você.